



Análise e validação dos indicadores do ISR: Índice de Sustentabilidade Responsável.

Eduardo Augusto da Silva (PQ)* e-mail: eduardo.augusto@ueg.br, Luciano R. Beneli Filho (IC)

Universidade Estadual de Goiás

Campus Caldas Novas

Endereço: Rua B/8 Q. 18 S/N; Bairro: Parque das Brisas; CEP: 75690-000;

Cidade: Caldas Novas - GO

As raízes do que poderiam vir a ser denominados indicadores de sustentabilidade tiveram como campo mais propício as disciplinas científicas de Economia e Ecologia. Mas, a princípio, eram definidos para justificar a análise em perspectivas macro, com foco em políticas públicas. A diversidade de indicadores que versam sobre assuntos próximos à sustentabilidade – visto que a maioria deles foi desenvolvida por razões específicas: ambientais, econômicas, sociais e outros escopos, mas não podem ser considerados indicadores de sustentabilidade em si – é o reflexo de que o conceito ainda não atingiu um consenso universalmente aceito. Daí a comparabilidade e acessibilidade entre eles é um exercício que exige critérios claros, mas que permite o desenvolvimento constante de indicadores de qualidade. O problema deste projeto de pesquisa está em verificar se os indicadores do ISR – Índice de Sustentabilidade Responsável são verdadeiramente compatíveis com a proposta em mensurar as práticas corporativas na contribuição para a sustentabilidade do planeta.

Palavras-chave: Modelos de Mensuração; Desenvolvimento Sustentável; Responsabilidade Corporativa; Selos de Responsabilidade Corporativa. Prêmios de Sustentabilidade.

Introdução

Os indicadores são parâmetros selecionados e considerados isoladamente ou combinados entre si, sendo especialmente úteis para refletir sobre determinadas condições dos sistemas em análise (normalmente são efetuados tratamentos aos dados originais, tais como médias aritméticas simples, percentis, medianas, etc.).

As raízes do que poderiam vir a ser denominados indicadores de sustentabilidade tiveram como campo mais propício as disciplinas científicas de Economia e Ecologia. Mas, a princípio, eram definidos para justificar a análise em perspectivas macro, com foco em políticas públicas:



O debate científico sobre indicadores de sustentabilidade foi desencadeado há quase quarenta anos por um trabalho que continua amplamente visto como “seminal”. Trata-se do capítulo “*Is growth obsolete?*”, publicado em 1972 por William D. Nordhaus e James Tobin, no quinto volume da série *Economic Research: Retrospect and Prospect*, do *National Bureau of Economic Research* (NBER), dos Estados Unidos (VEIGA, 2010, p. 4).

A ideia de desenvolver indicadores específicos para sustentabilidade surgiu na Eco 92, através da Agenda 21. Em seu capítulo 8, fica expressa a necessidade de desenvolver os indicadores de sustentabilidade, já que índices como o Produto Nacional Bruto (PNB) e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), além de outras medições de recursos, deixaram de ser suficientes para aplicação. A agenda 21 orienta expressamente que os “países devem desenvolver sistemas de monitoramento e avaliação do avanço para o desenvolvimento sustentável adotando indicadores que meçam as mudanças nas dimensões econômica, social e ambiental” (MARZALL; ALMEIDA, 2000; SICHE et al., 2007; MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE - MMA, 2008).

Porém, a partir da Eco-92, houve uma proliferação de indicadores tão intensa que gerou mais confusão que orientação para quem quisesse se embrenhar na “onda” da sustentabilidade:

Dela [proliferação] já se podia extrair a constatação de que não havia surgido (e provavelmente nunca surgiria) um indicador que revelasse simultaneamente o grau de sustentabilidade do processo socioeconômico e grau de qualidade de vida que dele decorre. Mesmo que possam ser dois lados da mesma moeda, nada sugere algum método contábil ou estatístico capaz de gerar uma única fórmula sintética em que ambos estejam expressos (VEIGA, 2010, p. 9).

Se, no âmbito macro, começaram a ocorrer dificuldades para o atendimento das novas demandas para o poder público e as nações, não seria diferente para os indicadores voltados especificamente para as organizações.

Para Farrel (2004 apud Almeida, 2007),

[...] tais instrumentos surgiram em resposta à demanda por um comportamento empresarial responsável, que se tornou crescente diante das amplamente divulgadas injustiças e mafeitorias associadas a escândalos corporativos e à liberalização do comércio. Quase todos os instrumentos começam como mecanismos de adesão voluntária, mas, à medida que vão sendo adotados por mais e mais empresas, tendem a se transformar em normas, alterando o



próprio cenário no qual as empresas operam (FARREL, 2004 apud ALMEIDA, 2007, p. 130-1)

A diversidade de indicadores que versam sobre assuntos próximos à sustentabilidade – visto que a maioria deles foi desenvolvida por razões específicas: ambientais, econômicas, sociais e outros escopos, mas não podem ser considerados indicadores de sustentabilidade em si – é o reflexo de que o conceito ainda não atingiu um consenso universalmente aceito. Daí a comparabilidade e acessibilidade entre eles é um exercício que exige critérios claros, mas que permite o desenvolvimento constante de indicadores de qualidade.

O problema deste projeto de pesquisa está em verificar se os indicadores do ISR – Índice de Sustentabilidade Responsável são verdadeiramente compatíveis com a proposta em mensurar as práticas corporativas na contribuição para a sustentabilidade do planeta.

Material e Métodos

Foi possível realizar, efetivamente, uma Pesquisa Bibliográfica. Para isso, foram utilizados os seguintes critérios de coleta de dados: textos, artigos e livros de autores clássicos que versam sobre os aspectos sociais e filosóficos que permitam uma relativa interação de seus pressupostos básicos; textos, artigos e livros de autores contemporâneos de relevante coerência e pertinência na discussão sobre os temas principais do trabalho.

Resultados e Discussão

Como resultado, apresenta-se a seguir, na Tabela 1, o modelo que foi denominado de ISR – Índice de Sustentabilidade Responsável, o qual pode ser utilizado para auditar tanto as organizações em relação às suas atividades de Responsabilidade Social na busca pela Sustentabilidade planetária, como, também, pode-se utilizar o próprio ISR para avaliar a maioria dos índices e indicadores de Desenvolvimento Sustentável e de Responsabilidade Social Corporativa, disponíveis no mercado.

Tabela 1 – Índice de Sustentabilidade Responsável – ISR

Dimensões	Códigos	Parâmetros
Governança Corporativa	GO1	Foco dos comitês para a linha dos três pilares
	GO2	Equidade entre Capital Econômico, Humano, Social e Natural
	GO3	Valorizar os Ativos Intangíveis
	GO4	Governança inclusiva de todos os níveis hierárquicos
	GO5	Processo de consulta <i>multistakeholders</i>
Tempo	TE1	Valorizar tempo mais longo possível
	TE2	Assegurar modo de operação restaurador, menos extrativo
	TE3	Estratégia de longo prazo
	TE4	Planejamento de situações sustentáveis
	TE5	Redução do uso de recursos não-renováveis
Parceria	PA1	Apoio às Leis de Regulamentação Socio-Econômico-Ambientais
	PA2	<i>Stakeholders</i> como complementadores
	PA3	Simbiose ao invés de subversão
	PA4	Lealdade sob condições de ganha-ganha
	PA5	Assumir Responsabilidades
	PA6	Desenvolver grupos coordenados pela sustentabilidade
Tecnologia do Ciclo de Vida	TC1	Supervisão do Ciclo de Vida da Natureza e não do produto
	TC2	Valor do cliente em todo o CV
	TC3	Controle do produto do nascimento à morte
	TC4	Avaliação do CV da linha dos três pilares
	TC5	Foco na funcionalidade do produto
	TC6	Aplicação de métodos científicos para benefícios nos três pilares
Transparência	TR1	Relatórios da linha dos três pilares, abertos
	TR2	Transparência como direito de saber e não uma necessidade
	TR3	Emoções e percepções - Empatia
	TR4	Diálogo ativo em várias vias
	TR5	Publicar informações objetivas
Valores	VR1	Cuidadoso com as questões comunitárias e locais
	VR2	Responsável por algo, para a supervisão ativa
	VR3	Nós, no lugar de “eu”
	VR4	Diversidades (e não, monoculturas)
	VR5	Sustentabilidade (e não, crescimento)
Mercados	ME1	Internalização dos custos
	ME2	Vantagem competitiva, no lugar de padrões de conformidade
	ME3	Consistência global, e não local
	ME4	Comprometimento com melhores práticas para adição de valor
	ME5	Redirecionamento para o consumo sustentável
	ME6	Catalisar as discontinuidades, como estratégia comercial
Indicadores Monetários		Foco estritamente econômico
Indicadores Físicos		Exclusivamente para os aspectos ambientais
Princípio da Precaução		Principalmente para indicadores de Tecnologia do CV

Fonte: Autor.

Sendo assim, os 41 indicadores, serão avaliados e validados na fase de pesquisa quantitativa, quando serão submetidos no trabalho de campo, junto às empresas selecionadas para o estudo.



Considerações Finais

Esse projeto de pesquisa está na segunda fase, com a construção e preparação do questionário que será aplicado na amostra selecionada conforme os parâmetros estatísticos de validação.

Agradecimentos

À Universidade Estadual de Goiás por nos proporcionar a oportunidade de participar do V Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão expondo e apresentando banner.

Referências

ALMEIDA, Fernando. **Os desafios da Sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Elsevier. 3ª reimpressão, 2007.

FARREL, O. C. **Corporate Citizenship**: Integrity, Stakeholders & Exemplars. Apresentação no E-Center for Business Ethics, março, 2004.

MARZALL, K.; ALMEIDA, J. **Indicadores de sustentabilidade para agrossistemas**: estado da arte, limites e potencialidade de uma nova ferramenta para avaliar o desenvolvimento sustentável. **Caderno de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.17, n.1, p.41-59, jan./abr. 2000.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – MMA – **AGENDA 21 Brasileira**. Disponível em:
<http://www.mma.gov.br/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=18&idConteudo=90>. Acesso em 20/07/2010.

SICHE, Raúl, AGOSTINHO, Feni, ORTEGA, Enrique. **Índices versus indicadores**: precisões conceituais na discussão da sustentabilidade de países. *Ambient. soc.*, July/Dec. 2007, vol.10, no.2, p.137-148.

VEIGA, José Eli. Indicadores de Sustentabilidade. In **Revista de Estudos Avançados**, São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, n. 68, jan./abr. 2010.